

# Representação da informação e ecomuseologia a partir de pesquisa bibliográfica

Representation of information and ecomuseology from bibliographic research

Leonardo Hermes Lemos\*  
Cezar Karpinski\*

**Resumo:** Relacionam-se, neste artigo, os conceitos da Ciência da Informação, Museologia e Ecomuseologia. Por ser parte da dissertação intitulada `A Representação da Informação em Ecomuseus`, concebe-se o Ecomuseu como uma Unidade de Informação, enfatizando a Representação da Informação neste tipo de museu. A discussão está dividida em três partes. A primeira faz um histórico da Organização do Conhecimento e da Informação, mostrando a relação com as bibliotecas e com os museus. A segunda parte contextualiza o objeto museal como documento, discutindo o seu processo de musealização. Na terceira parte se estabelece o contexto histórico do conceito de ecomuseu e ecomuseologia. A metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa foi a de pesquisa bibliográfica. Os resultados mostram que o ecomuseu pode representar a informação a partir do contexto sociocultural para o qual foi criado, buscando maior aproximação com o público.

Palavras-chave: Organização da Informação. Ecomuseu. Interdisciplinaridade. Documentação.

**Abstract:** The concepts of Information Science, Museology and Ecomuseology are related in this article. For being part of the master's work entitled `The Representation of Information in Ecomuseums`, defended in 2018, the Ecomuseum is conceived as an Information Unit, emphasizing Information Representation in this type of institution. The discussion is divided into three parts. The first makes a history of the Organization of Knowledge and Information, showing the relationship with libraries and museums. The second part contextualizes the museum object as a document, discussing its process of musealization. The third part establishes the historical context of the concept of ecomuseum and ecomuseologia. The methodology adopted for the development of the research was the one of bibliographical research. The results show that the ecomuseum can represent the information from the sociocultural context for which it was created, seeking a closer relationship with the public.

Key-words: Information Organization. Ecomuseum. Interdisciplinarity. Documentation.

## 1 Introdução

Este artigo resulta da dissertação de mestrado intitulada `A Representação da Informação em Ecomuseus`, defendida em 2018. Trata-se de uma pesquisa interdisciplinar envolvendo a Ciência da Informação e a Museologia nas interfaces da documentação e da representação da informação. Tem como tema a Representação da

---

\* Museólogo. Mestre e Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: [leohermeslemos29@gmail.com](mailto:leohermeslemos29@gmail.com)

\*\* Professor do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: [cezar.karpinski@gmail.com](mailto:cezar.karpinski@gmail.com)

Informação em Ecomuseus e defende o objeto museal como documento, na forma estabelecida por Outlet (1934). Entende-se que a questão informacional no âmbito museológico perpassa por suas diferentes categorias de museus, entre eles o Ecomuseu, que, segundo Chagas (2000) é uma categoria de museu que busca uma relação entre território/patrimônio/população. Neste tipo de museu, o objeto museal além de ser um documento, também faz parte da representação de um território e de um patrimônio, contextualizando, por meio de uma narrativa própria, o desenvolvimento de determinada comunidade.

O objetivo do trabalho é verificar, a partir de pesquisa bibliográfica, como pode se dar a Representação da Informação no ecomuseu, buscando refletir sobre a relação entre Ciência da Informação (CI), Museologia e Ecomuseologia. Especificamente, objetiva-se descrever como a temática foi tratada últimos dez anos em artigos publicados na área de CI; levantar os principais artigos e autores que se propuseram a discutir a RI em formas distintas das comumente tratadas e adotadas pela CI e Biblioteconomia; e aproximar as possibilidades de aplicação prática de RI em acervos de ecomuseus.

A metodologia adotada foi a de pesquisa bibliográfica em seis bases de dados e uma biblioteca digital com critérios pautados em: a) possibilidade de importação de resumos; b) indexação de revistas Qualis A1 e A2 da área de Informação e Comunicação; e c) acesso disponível em rede privada virtual. Os termos de busca se constituíram a partir das relações entre si das seguintes palavras-chave: “ciência da informação”, “representação da informação”; “museologia”; “ecomuseologia”; e “ecomuseu”.

Após o levantamento e leitura dos resumos, foram selecionados oitenta artigos dos quais se extraíram conteúdos importantes para o referencial teórico deste artigo e para o início de um diálogo comum entre CI, Museologia e Ecomuseologia na interface da RI. Os resultados mostram que o ecomuseu pode representar a informação a partir do contexto sociocultural para o qual foi criado, buscando maior aproximação com o público.

## **2. Referencial Teórico**

O museu, a partir do século XX, mostra-se como uma instituição preocupada com o desenvolvimento social e busca saber qual a sua função para contribuir com o desenvolvimento da sociedade em que está inserido, principalmente no

desenvolvimento de ações para o acesso a seus acervos e informações de suas coleções. Assim, a aproximação entre Museologia e Ciência da Informação se intensificou nas últimas décadas, possibilitando o entrecruzamento de referencial teórico e metodológico. Nesta pesquisa, o desafio é refletir sobre Representação da Informação nas instituições museológicas, tanto na forma técnica museológica, quanto na apropriação do conteúdo informativo nos seus usuários.

Como pontua Castro (1999), o museu também pode ser caracterizado como uma Unidade de Informação, por ser uma instituição que a preserva e disponibiliza. Além disso, os museus têm ocupado um espaço cada vez maior nas discussões da CI. Ao trabalhar com informação, o museu também a estoca, organiza, recupera e a dissemina por meio dos seus objetos museais e das ações culturais que desempenha na sociedade. Na relação interdisciplinar com a CI, as instituições museológicas podem desenvolver instrumentos de RI que facilitem a sua recuperação a fim de democratizá-la.

Para melhor refletir sobre as formas de RI em ecomuseu, entende-se que um ponto de partida seja contextualização do processo histórico que os constitui enquanto museus. Isto porque é importante para este estudo compreender em que medida a história da Museologia se cruza com disciplinas, saberes ou técnicas comumente utilizadas pelas áreas da CI, o que se busca fazer com as análises bibliográficas a seguir.

### **2.1. Organização do Conhecimento (OC) e da Informação (OI) no processo histórico de Bibliotecas e Museus**

Ao historiar o processo social de organização do conhecimento desde a imprensa de Gutenberg ao iluminismo de Diderot, Burke (2003) mostra as tentativas de organizar e comunicar a informação. Essa classificação, que começou na Idade Média, foi uma tentativa de organizar e representar o conhecimento vigente no contexto europeu.

Inicialmente, Burke (2003) afirma que o conhecimento foi classificado conforme diferentes grupos e de forma hierárquica. O mesmo autor ainda enfatiza que a trajetória da organização do conhecimento está vinculada ao desenvolvimento das universidades europeias no período medieval, onde suas bibliotecas estavam organizadas conforme os currículos de cada instituição.

Concomitante ao aparecimento das bibliotecas modernas, os museus também

se constituíram em meio às motivações nacionais ora voltadas para o conhecimento, ora para a afirmação das suas identidades. Da mesma forma, pode-se dizer que os processos de organização da informação e do conhecimento nos museus foram se aprimorando e modificando com o passar dos séculos. Para fins de contextualização, Suano (1986) destaca que antes de o museu ser o que conhecemos atualmente, existiram coleções que foram denominadas de Gabinetes de Curiosidades e também de Câmaras Principescas, onde ambas buscavam expor coleções de nobres ou de pessoas abastadas, principalmente na Europa. Burke (2003) salienta que pela “descoberta” da América, a forma de colecionismo, principalmente ligado ao exibicionismo do exótico, cresceu em toda a Europa, o que fez com que essas instituições precisassem de uma forma de organização e sistematização de tudo o que era exposto.

Essas primeiras tentativas de organização do conhecimento ajudaram, durante o final do século XIX e início do século XX, a criação da disciplina de documentação por Paul Otlet e La Fontaine. Segundo Siqueira (2010), estes dois autores buscavam formas eficazes de organizar, sistematizar e disseminar a informação num período de pleno desenvolvimento industrial.

Com o objetivo de aproximar as áreas da CI e a Museologia, Araújo (2014) considera que a RI pode ser um dos pontos em comum. Segundo ele, tanto no plano geral da CI, quanto no plano específico dos museus, é a RI que possibilita a recuperação e o acesso das informações, facilitando o conhecimento aos usuários.

A relação entre informação e conhecimento conforme apontam Brascher e Café (2008) é muitas vezes confundida na própria CI. As autoras entendem como informação a materialidade do conhecimento, enquanto o conhecimento como o resultado do processo cognitivo. Por isso, elas afirmam que ao se constituir formas de RI estas serão resultados da OI.

Nos museus, a forma mais característica de RI é a documentação museológica. Neste processo técnico, as informações dos objetos são coletadas, analisadas e organizadas para melhor acesso e uso para o público do museu. Nesse sentido, é possível perceber um diálogo entre o fazer museológico e a disciplina da documentação, criada por Otlet e La Fontaine. A seguir, esta singularidade será aprofundada, ampliando os horizontes interdisciplinares para melhor compreender e potencializar a organização do conhecimento nos acervos museológicos.

## 2.2. Os Museus e a Documentação

Otlet (1934) foi um dos primeiros autores a mostrar que objetos em museus também podem ser considerados documentos por possuírem carga informacional. Dessa forma, ao caracterizarem-se os objetos de museus como documentos precisa-se saber como gerenciar a informação contida neles. Em sua obra *Traité de Documentation*, Otlet (1934) define que os objetos também se caracterizam como documentos e os divide em cinco categorias, sendo: 1) objetos naturais (plantas, minerais e animais); 2) objetos artificiais (criados pelo homem para suprir alguma necessidade); 3) objetos com traços humanos (aqueles que têm alguma interpretação ou significado); 4) objetos demonstrativos (os que são feitos para representar algo); e 5) objetos de arte.

Pode-se observar que, ao estabelecer esta classificação, grande parte dos objetos se enquadram em coleções museológicas, e que, por sua vez, merecem ser identificadas como fontes de informação. Assim, motivada pelas ideias de Otlet, a documentalista Suzanne Briet (1951) começa a trabalhar com suportes informacionais além da documentação escrita, como, por exemplo, as fotografias. A autora mostra que a documentalidade necessita de uma materialidade e que no caso dos museus o documento é constituído pelo objeto e o que se produz ou representa a partir dele.

Assim, para que algo se torne documento é necessário um processo, o qual é trazido por Buckland (1991). Esse processo começa pela materialidade, onde apenas objetos físicos podem ser documentos. Entretanto, para um objeto tornar-se um documento ele tem que ser tratado como evidência de algo. Nesse sentido, de acordo com o mesmo autor, há uma atitude fenomenológica para a percepção do objeto como documento. A partir destas constatações, não se torna difícil aproximar o trabalho do museólogo ao do documentalista, principalmente pelo fato de que, como documento, o objeto museal poderá passar pelos processos de RI.

De acordo com Ceravolo e Tálamo (2007), na Museologia a RI ocorre a partir da documentação museológica que, segundo as autoras, é um processamento técnico da informação. Esse processamento se dá por um fluxo de informações definido por dois processos paralelos, um que irá tratar o objeto como suporte e outro organizar as informações que lhe dizem respeito. Todavia, o caso dos museus é diferente de arquivos e bibliotecas, pois muitas vezes o suporte não se distancia da informação.

Neste processo de tratamento de suporte e informação é que ocorre a musealização do objeto. Segundo Guarneri (1990) a musealização ocorre por meio de

três princípios: documentalidade, testemunhalidade e fidelidade. Segundo a autora, o princípio da documentalidade relaciona-se etimologicamente a *docere* (ensinar) e, por isso, os objetos musealizados têm essa característica.

Já o princípio da testemunhalidade exige que o objeto seja testemunho de um acontecimento ou fato ocorrido. Neste caso, *testimonium*, a origem da palavra, se refere à representação do passado a partir da materialidade do objeto. Sendo assim, o testemunho não está vinculado apenas à existência do objeto, mas pelo seu conteúdo informacional que lhe confere o caráter testemunhal.

Por último, o objeto deve ter seu caráter de fidelidade, pois deve se manter constante naquilo que ele representa. Não quer dizer autenticidade, mas a veracidade do caráter de documento ou testemunho. Guarnieri (1990) afirma ainda que o fenômeno de musealizar um objeto obedece ao desejo de passar informações ao público e que estas pressupõem conhecimento, registro e memória.

Embora a parte da documentação como base para a RI seja necessária, o público só terá as informações por meio das exposições. Neste assunto, Loureiro e Loureiro (2003) discutem a especificidade do acesso à informação em museus, uma vez que são distintas as possibilidades de contato com os objetos museais. Segundo eles, a exposição museológica representa um instrumento singular na relação usuário-informação. Isto porque estas atividades geralmente partem de determinada ideologia e são modeladas a partir de um recorte histórico e sociocultural. O que os autores entendem como ideologia seria o discurso narrativo que o museu adota a partir de práticas e políticas institucionais que interferem no processo de RI nestas instituições.

Araújo (2014) mostra por meio de análise bibliográfica como a RI foi construída ao longo do tempo nos museus e como ocorreram as mudanças. Segundo o autor, o contexto em que surgiu o museu moderno, com características nacionalistas, afetou as formas como se ordenavam, descreviam, classificavam e eram expostos os acervos museológicos. No entanto, as ideias enciclopedistas também auxiliaram nesse ordenamento, buscando uma taxonomia, principalmente em museus de história natural.

O desenvolvimento da documentação nas instituições museológicas é paralelo ao da Ciência da Informação. Como Yassuda (2009) destaca, a criação do museu moderno possibilitou tentativas de classificação dos acervos em museus. Neste momento, em especial, a documentação museológica se tornou indispensável para a gestão da informação, pois seu conteúdo definia a identidade dos objetos, como seu uso.

### 2.3. Ecomuseu e Representação da Informação

O contexto de criação dos primeiros ecomuseus é marcado por três fatores determinantes para a própria Museologia: o conceito de museu integral, formulado e discutido na década de 1970 em Santiago (Chile); a criação do Movimento por uma Nova Museologia em Quebec no ano de 1984; e a emergência da Museologia Social.

O conceito de museu integral vem de discussões anteriores a 1972, data da “Carta de Santiago do Chile”. Conforme pesquisa de Scheiner (2012), desde a década de 1950 os embates sobre o papel do museu na sociedade, principalmente após a segunda guerra, ganharam destaque. O ano de 1972 foi marcante, pois existiram outros movimentos, de outras áreas que acabaram contribuindo para o encontro em Santiago do Chile. Entre eles estão: o manifesto da *International Federation of Library Associations* (IFLA) em favor das bibliotecas públicas, I Conferência da Nações Unidas sobre o Ambiente Humano, entre outros.

A autora ainda salienta três pontos que as discussões acerca do museu integral trouxeram para a Museologia: 1) a carta de Santiago do Chile: documento referencial para a área da Museologia por reunir um conjunto de reflexões teóricas e posições políticas que servem, ainda hoje, como fundamento para a área; 2) o documento em questão, motivou as instituições museológicas da América Latina a verem a importância da relação do meio ambiente com a Museologia, enfatizando os museus como parte integradoras do desenvolvimento social; e 3) criação da Associação Latino-americana de Museologia (ALAM).

Com o que se convencionou chamar de “Movimento da Nova Museologia”, os museus e suas práticas passaram por um processo crítico e criativo. A situação bilateral, em que o público não era sujeito ativo na instituição, foi um dos aspectos questionados por um grupo de pensadores do campo museológico internacional durante os anos 1980, o que levou em 1984 a criação do Movimento por uma Nova Museologia (MINOM), buscando fazer com que os museus cumprissem sua função social.

Estes três pontos foram basilares para o desenvolvimento dos primeiros ecomuseus, merecendo destaque o Écomusée du Creusot Montceau-les-Mines (1974), França, idealizado por Marcel Évrard (1921-2009). Segundo Brulon (2015), ao idealizar um museu totalmente diferente do que havia na época, Évrard se propôs a constituir uma instituição em que o patrimônio estivesse mais ligado às pessoas do que aos objetos, possibilitando que a comunidade local se visse e pudesse se representar, definindo e entendendo qual seria o seu legado patrimonial.

Esse tipo singular de museu busca a integração do ser humano com o território, mostrando a modificação do espaço pelas ações humanas, desde os primórdios da humanidade até a atualidade. Nessa perspectiva, busca-se observar também o modo como as informações dessas novas instituições museológicas são representadas, pois no ecomuseu a informação não está centrada no objeto, mas na relação entre a comunidade, o território e o patrimônio.

Assim, diferentemente dos museus tradicionais, a RI nos ecomuseus está vinculada a forma como o público acessa a informação, afinal o objeto museológico não perde sua função e nem está descontextualizado. A relação entre objeto, território e pessoa está mais coesa, o que mostra que a documentação museológica é apenas uma das formas de RI, abrindo espaço para questionamentos como os que foram construídos na pesquisa em tela.

### 3. Metodologia

Para a pesquisa bibliográfica foram selecionadas seis (6) bases de dados (EBSCO, Emerald Insight, Science Direct, SCOPUS, ProQuest e WEB of Science) e uma biblioteca digital (SciELO). Os critérios desta escolha foram: 1) possibilitam importação de resumos para EndNote; 2) são indexadores da maioria das revistas Qualis A1 e A2 da área de Informação e Comunicação; e 3) acesso disponível via rede privada virtual da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Além disso, as bases e a biblioteca digital selecionadas agregam a maioria das revistas classificadas como A1 e A2 pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) que possuem maior abrangência e fator de impacto na área “Comunicação e Informação”. O Quadro 1 mostra a abrangência da pesquisa bibliográfica em seus locais de busca.

Quadro 1 – Locais de busca

<b>BASES DE DADOS</b>	1. EBSCO
	2. Science Direct
	3. SCOPUS
	4. Emerald Insight
	5. ProQuest
	6. WEB of Science
<b>BIBLIOTECA DIGITAL</b>	1. SciELO

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

As expressões de busca foram criadas a partir da correlação entre as cinco palavras-chave da pesquisa, conforme detalha o Quadro 2.

Quadro II – Termos de busca

<b>Chave 1</b>	<b>“Ciência da Informação” and “Representação da Informação”</b>
<b>Chave 2</b>	“Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Museologia”
<b>Chave 3</b>	“Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Ecomuseu”
<b>Chave 4</b>	“Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Ecomuseologia”
<b>Chave 5</b>	“Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu”
<b>Chave 6</b>	“Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseologia”
<b>Chave 7</b>	“Ciência da Informação” and “Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu” and “Ecomuseologia”
<b>Chave 8</b>	“Ciência da Informação” and “Museologia”
<b>Chave 9</b>	“Ciência da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu”
<b>Chave 10</b>	“Ciência da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseologia”
<b>Chave 11</b>	“Ciência da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu” and “Ecomuseologia”
<b>Chave 12</b>	“Ciência da Informação” and “Ecomuseu”
<b>Chave 13</b>	“Ciência da Informação” and “Ecomuseologia”
<b>Chave 14</b>	“Ciência da Informação” and “Ecomuseologia” and “Ecomuseu”
<b>Chave 15</b>	“Representação da Informação” and “Museologia”
<b>Chave 16</b>	“Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseu”
<b>Chave 17</b>	“Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseologia”
<b>Chave 18</b>	“Representação da Informação” and “Museologia” and “Ecomuseologia” and “Ecomuseu”
<b>Chave 19</b>	“Representação da Informação” and “Ecomuseu”
<b>Chave 20</b>	“Representação da Informação” and “Ecomuseologia”

<b>Chave 21</b>	“Representação da Informação” and “Ecomuseu” and “Ecomuseologia”
<b>Chave 22</b>	“Museologia” and “Ecomuseologia”
<b>Chave 23</b>	“Museologia” and “Ecomuseu”
<b>Chave 24</b>	“Museologia” and “Ecomuseologia” and “Ecomuseu”
<b>Chave 25</b>	“Ecomuseologia” and “Ecomuseu”

Fonte: Elaborado pelos autores, 2018.

Foram definidos também os seguintes filtros nas bases de dados e na biblioteca digital:

1) acesso aberto: escolhido depois que um pré-teste apontou para a existência de artigos que exigiam assinatura da revista, o que não era possível fazer naquele momento;

2) recorte temporal: período entre 01 de janeiro de 2008 a 06 de junho de 2017, resultando em trabalhos que foram publicados nos últimos dez anos.

3) artigos: trabalhos publicados em revistas científicas da área, excluindo resumos, capítulos de livros, editoriais, entre outros;

4) idiomas: inglês (por ter predominância nas publicações científicas), o espanhol (para abrangência da maioria dos países latino-americanos) e o português (além de ser o idioma oficial da pesquisa, Portugal é um dos países que produz material de excelência na área de Museologia)

5) área de conhecimento: Comunicação e Informação.

Após esta etapa da pesquisa os artigos recuperados foram organizados no *EndNote*, um software de gerenciamento de artigos onde é possível criar grupos temáticos, excluir trabalhos duplicados, organizar referências bibliográficas etc. Por fim, ao terminar a seleção de artigos foram recuperados 80 artigos que auxiliaram no desenvolvimento do problema e do referencial teórico da pesquisa.

#### **4. Resultados: apresentação e discussão**

Verificou-se que há produção científica relacionando as duas grandes áreas do conhecimento deste trabalho, CI e Museologia e em todas as bases e a biblioteca digital obtiveram resultados. Contudo, nem todos os termos de busca recuperaram

artigos. Apenas seis chaves tiveram resultados, sendo as Chaves 1, 8, 23, 24 e 25, conforme retrata o Tabela 1.

Tabela I – Total de artigos recuperados por chaves de busca

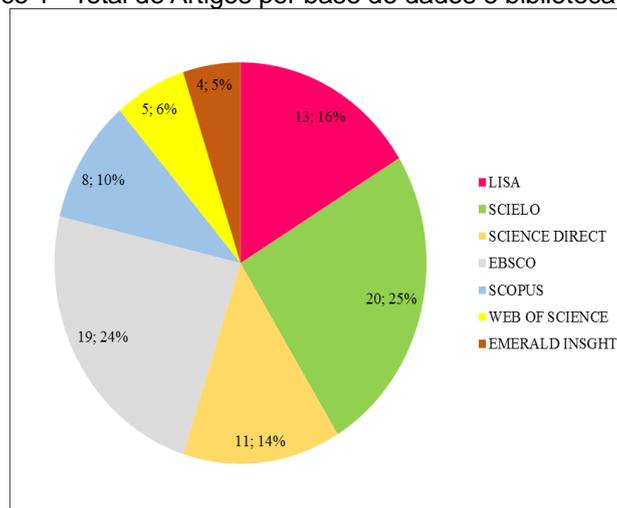
Chave nº	Termo de busca	Artigos/Total
Chave 01	“Ciência da Informação” and “Representação da Informação”	36
Chave 08	“Ciência da Informação” and “Museologia”	19
Chave 23	“Museologia” and “Ecomuseu”	23
Chave 24	“Museologia” and “Ecomuseologia” and “Ecomuseu”	1
Chave 25	“Ecomuseologia” and “Ecomuseu”	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nota-se que as chaves que poderiam auxiliar ainda mais no desenvolvimento da pesquisa, como as que pesquisam RI com ecomuseu ou RI com Museologia, não tiveram retorno, o que reforça a necessidade de pesquisas sobre a temática tanto na CI como na Museologia.

Ao fazer as buscas nas bases de dados e na biblioteca digital foi constatado que a maioria dos trabalhos estão indexados na SciELO, seguidos pela EBSCO e LISA. O gráfico 1 mostra o total de artigos por local de busca, com sua respectiva porcentagem no universo dos oitenta (80) artigos recuperados.

Gráfico 1 - Total de Artigos por base de dados e biblioteca digital.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Após o levantamento e catalogação das fontes, os resumos de cada artigo

recuperado foram lidos para averiguar a relevância e contribuição para o desenvolvimento teórico do trabalho. Nesta etapa, foram selecionados seis trabalhos como os mais relevantes para a pesquisa, devido a apresentação de pontos interconectores tanto no escopo teórico quanto no prático. O Quadro 3 apresenta os autores, títulos e ano de publicação.

Quadro III – Artigos selecionados por meio da pesquisa bibliográfica.

<b>Título</b>	<b>Autoria</b>	<b>Ano</b>
<b>O que é Ciência da Informação</b>	ARAÚJO, C. A. A.	2014
<b>Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir</b>	BRULON, B.	2016
<b>Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão</b>	LIMA, D. F. C.	2012
<b>Mediação do conhecimento para o acesso à informação: reflexão baseada em uma perspectiva sociológica da ciência da informação</b>	BARROS, C. M; CAFÉ, L. M. A.; SILVA, E.L.	2011
<b>A invenção do Ecomuseu: o caso do Écomusée du Creusot Montceau-Les-Mines e a prática da Museologia Experimental</b>	BRULON, B.	2015
<b>Repensando o Museu Integral: do conceito às práticas</b>	SCHEINER, T.	2012

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

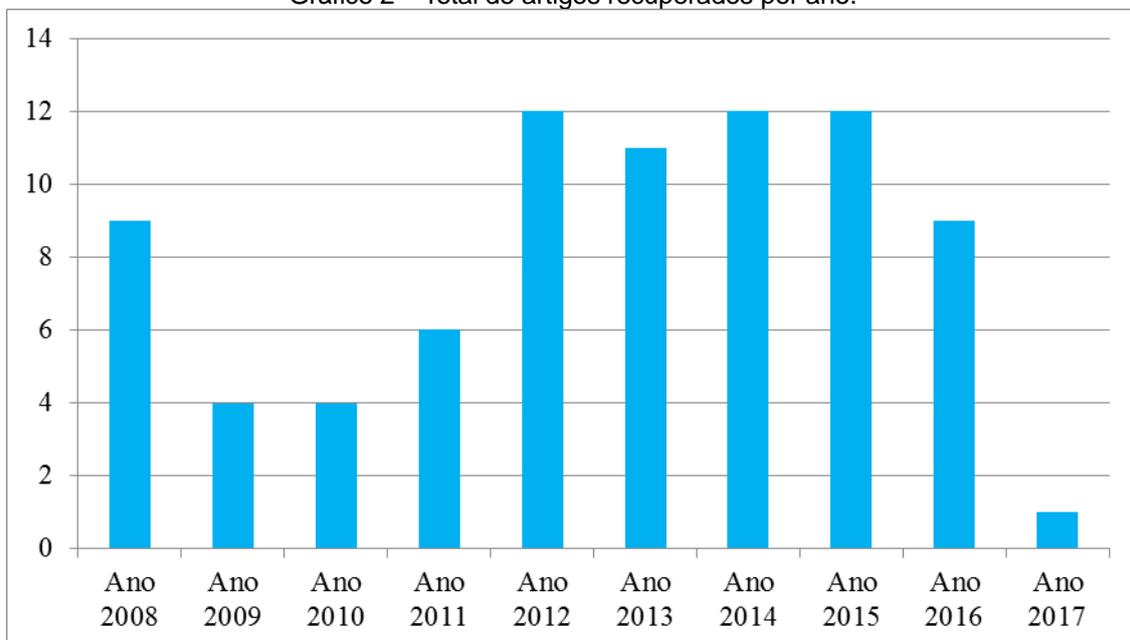
Os artigos que discutem conteúdo específico da Museologia dissertam, principalmente, sobre teoria museológica e estão relacionados com o desenvolvimento dos conceitos e com o contexto histórico dos ecomuseus. Isso pode ser verificado nos textos de Brulon (2015 e 2016) e Scheiner (2012), onde o primeiro autor faz referência a historicidade do primeiro ecomuseu e também sobre as formas como as diferentes categorias de museus trabalham com o objeto. Já Scheiner (2012) discute o conceito de museu integral e sua contribuição para o entendimento do museu enquanto agente de mudança social. O artigo de Lima (2012) está voltado para questões gerais da Museologia, como desenvolvimento teórico do campo, conceito de musealização, contextos históricos de desenvolvimento da área e sua relação com o patrimônio cultural.

No que diz respeito aos artigos de CI, foram selecionados Araújo (2014) e Barros, Café e Silva (2011) porque, mesmo apresentado pontos específicos da área,

possibilitam uma aproximação entre com a Museologia e, conseqüentemente, a Ecomuseologia na interface da RI. Araújo (2014) enfatiza questões epistemológicas e de contextos histórico da CI que se mostram relevantes para o diálogo interdisciplinar com a Museologia. Barros, Café e Silva (2011) discutem formas específicas de RI que podem ser percebidas também em Museus, como é o caso da mediação da informação que, segundo as autoras, pode auxiliar no processo de OI.

No que se refere à temporalidade da produção analisada, os anos de 2012, 2014 e 2015 tiveram os mesmos números totalizando doze artigos produzidos, seguidos pelo ano de 2013 com onze e 2008 com nove artigos conforme apresenta o Gráfico 2. Este dado mostra que há possibilidade de continuação de pesquisas interdisciplinares que favoreçam a emergência de novos tópicos de abordagem entre as áreas.

Gráfico 2 – Total de artigos recuperados por ano.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Mesmo com esse resultado foi notada a dificuldade em encontrar bibliografia específica para fundamentar o referencial teórico. Portanto, foi necessário selecionar os textos que mais se adequassem na formulação das ideias e na coesão textual, conforme o que os autores deste artigo entenderam ser pertinentes. Estas reflexões constam, principalmente, no item 2 deste trabalho onde foi apresentado o contexto histórico do Ecomuseu enquanto instituição museológica, a relação da Museologia com a CI e como o Ecomuseu pode ser caracterizado como uma UI.

Outro aspecto relevante a destacar é o de que se usou de conceitos e teorias mais abrangentes para posteriormente focar na RI em Ecomuseu. Os conceitos como

Ecomuseu, RI, Documentação, e outros discutidos no referencial teórico foram estabelecidos em função da leitura dos resumos dos artigos recuperados e das palavras-chave, já citadas anteriormente.

O que foi percebido nos resultados da pesquisa bibliográfica pode ser resumido em três (3) aspectos:

1. A produção de trabalhos da CI relacionando com a RI em museus precisa ser ampliada com novas pesquisas, tendo como principal enfoque a documentação museológica e a exposição como meios de Representação da Informação, sendo estes vinculados a pesquisas sobre informação e objeto museal;

2. Os trabalhos na área da museologia sobre Ecomuseu estão voltados principalmente para a área do turismo e desenvolvimento regional. Dentro da metodologia desenvolvida constatou-se que inexistem trabalhos que relacionem informação e Ecomuseologia.

3. Mesmo com a inexistência de referencial específico foi possível desenvolver teoricamente o trabalho, pois o Ecomuseu foi justificado como uma Unidade de Informação, o que faz dele uma instituição que também coleta, pesquisa, organiza, recupera, dissemina, comunica e dá uso a informação.

## 5. Conclusões

Por constituírem coleções os museus também desenvolvem técnicas para documentá-las. Esse aspecto técnico da área ganha grande contribuição da Ciência da Informação, principalmente nas interfaces “objeto museal”, “documento” e “documentação”. Conclui-se que, de fato, existem poucos trabalhos que relacionam RI e museologia afetando, conseqüentemente, estudos sobre as formas de RI nos museus independente de sua tipologia.

Ao considerar a documentação como um processo de RI nas instituições museológicas, devem-se observar também outros tipos de representação, como a exposição e a medicação, por exemplo. Afinal, as formas de RI servem para descrever os conteúdos informacionais dos documentos, neste caso, dos objetos, com a finalidade de promover o acesso e uso da informação ao público.

Por meio da pesquisa bibliográfica é perceptível a relação entre CI e Museologia em aspectos como cultura e patrimônio cultural, mas não quando se trata de processos com a informação em museus. Isso requer trabalhos futuros envolvendo o

museu enquanto unidade de informação, considerando principalmente os Ecomuseus. A atenção a esta categoria museológica se deve ao fato de que ela estabelece uma relação específica entre o público e patrimônio cultural e/ou natural, onde as pessoas participam ativamente do cotidiano da instituição e, conseqüentemente, na forma como trabalhar com a informação dos objetos, do território e da comunidade. A relação entre ecomuseu e CI pode estabelecer novos parâmetros em relação a RI e OI, pois as pessoas estarão envolvidas na sua representação.

Por fim, espera-se que as constatações presentes neste artigo provoquem novas pesquisas que possam, a partir de seus resultados empíricos, fortalecer o diálogo entre CI e Museologia, em relação aos estudos sobre museus como UI, RI em instituições museológicas e novas perspectivas de OI ou OC.

## Referências

ARAÚJO, Carlos Alberto Avila. *Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível*. Brasília: Briquet de Lemos, 2014.

BARROS, C. M.; CAFÉ, L. M. A.; SILVA, E. L. Mediação do conhecimento para o acesso à informação: reflexão baseada em uma perspectiva sociológica da ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 40, n. 3, p.468-477, set/dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1302>>. Acesso em: 14 jan. 2018

BRASCHER, Marisa; CAFE, Ligia. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. *Anais...* Brasília: ANCIB, 2008. Disponível em: <<http://enancib2013.ufsc.br/index.php/enancib2013/XIVenancib/paper/view/155/147>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

BRIET, Susane. *What is Documentation?* Tradução Ronald E. Day e Laurent Martinet. Tradução de: Qu'est-ce que la documentation? 1951. Disponível em: <[http://ella.slis.indiana.edu/~roday/what is documentation.pdf](http://ella.slis.indiana.edu/~roday/what%20is%20documentation.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2016.

BRULON, Bruno. *A invenção do Ecomuseu: O Caso do Écomusée Du Creusot Montceau-Les-Mines e a Prática da Museologia Experimental*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p.267-295, ago. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132015000200267](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132015000200267)>. Acesso em: 23 out. 2017.

BRULON, Bruno. Re-interpretando os objetos de museu: da classificação ao devir. *Transinformação*, Campinas, v. 28, n. 1, p.107-114, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v28n1/0103-3786-tinf-28-01-00107.pdf>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BUCKLAND, Michael. "Information as thing". *Journal of the American Society of Information Science*, v.48, n.9, 1991. Disponível em: <<http://people.ischool.berkeley.edu/~buckland/thing.html&gt>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTRO, Ana Lúcia. Siaines de. Informação museológica: uma proposição teórica a partir da Ciência da Informação. In: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. (Org.). *Ciência da Informação, Ciências Sociais e Interdisciplinaridade*. Brasília; Rio de Janeiro: IBICT, 1999, p. 13-32.

CERAVOLO, Suely. Moares.; TÁLAMO, Fátima Gonçalves Moreira. Os Museus e a Representação do Conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o

processamento da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. *Anais...* Salvador: ANCIB, 2007. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viii/enancib/paper/viewFile/2831/1959>>. Acesso em: 26 out. 2017.

CHAGAS, Mario de Souza. Memória e poder: contribuição para a teoria e a prática dos ecomuseus. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ECOMUSEUS, 2., 2000, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Núcleo de Orientação e pesquisa Histórica (NOPH), 2000. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/275598704/Memoria-e-poder-contribuicao-para-a-teoria-e-a-pratica-nos-ecomuseus>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

GUARNIERI, Waldisa. Rússio. Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. In: *Cadernos Museológicos*. IBPC, Rio de Janeiro, n. 3, p. 7 -12, 1990.

LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia-Museu e Patrimônio, Patrimonialização e Musealização: ambiência de comunhão. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 7, n. 1, p.31-50, jan-abr 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-81222012000100004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000100004)>. Acesso em: 23 out. 2017.

LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus.; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. *Midas, on line*, p.1-11, abr. 2013. Disponível em: <<https://midas.revues.org/78>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

OTLET, P. *Traité de Documentation: le livre sur le livre*. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PESSOA, Fernando Santos. *Reflexões sobre Ecomuseologia*. 757. ed. Porto: Afrontamento, 2001.

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o museu integral: do conceito às práticas. *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 7, n. 1, p. 15-30, abr. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-81222012000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-81222012000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Dez. 2017.

SIQUEIRA, João Câmara. Biblioteconomia, documentação e ciência da informação: história, sociedade, tecnologia e pós-modernidade. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p.52-66, set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n3/04.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

SUANO, Marlene. *O que é museu?* São Paulo: Brasiliense, 1986.

YASSUDA, Silvia Nathaly. *Documentação Museológica: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista*. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado)– Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda\\_sn\\_me\\_mar.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf). Acesso em: 16 out. 2017.

---

Data de recebimento: 22.05.2018

Data de aceite: 14.03.2019